

LEVI E O DIA DOS NAMORADOS

J. Stephen Lang

Quando Levi Carpenter propôs casamento a Letitia (Letty) McCluskey, em 1919, às vésperas do Ano Novo, ele disse o seguinte:

– Escolha o dia para nosso casamento, mas escolha um dia que seja fácil de guardar.

Ela escolheu o dia dos namorados.

Naquele ano de 1920, nevou muito no dia dos namorados em Fayetteville, no Tennessee. Letty sugeriu que adiassem o casamento:

– Vamos casar na semana que vem, assim todos os convidados poderão vir.

Levi não quis nem considerar a hipótese, pois estava convencido de que aquele dia era o mais apropriado, com ou sem neve. O casamento foi transferido às pressas da igreja para o gabinete pastoral, e havia apenas cinco pessoas presentes.

Como as estradas e ruas estavam intransitáveis, todo o esquema para flores, refrescos e roupas formais foi por água abaixo. No entanto, como em um passe de mágica, Levi conseguiu um buquê de rosas cor-de-rosa para a noiva. Quando encorajado a dizer onde as encontrara, disse somente que "tinha contatos". Quarenta e tantos anos mais tarde, ele disse ao seu bisneto (eu), que fora a esposa do pastor quem trouxera aquelas rosas da estufa que tinha em sua casa.

Quando cheguei a este mundo, Levi e sua namorada já tinham bem mais de 60 anos. Como morava a apenas alguns quilômetros deles, eu os via quase todos os fins de semana. Depois do dia dos namorados, sem falta, sabia que um enorme buquê de rosas cor-de-rosa estaria sobre a mesa de mogno do vestíbulo. Isto, porém, não era tudo. Próximo ao vaso estava a tentativa artística de Levi, repetida todos os anos: um grande floco de neve recortado de forma intrincada em um pedaço de papel. Grudado nele havia um bilhete: A Letty, minha namorada há 44 anos. As palavras eram sempre as mesmas, mudava somente o número. Fiel à natureza, o floco de neve tinha sempre um formato diferente.

Aos nove anos, descobri um canto da cristaleira que abrigava cada um desses flocos de neve afetuosos e amorosos, a começar pelo primeiro cuja inscrição era: A Letty, minha namorada por um ano todo. Levi, o carpinteiro, era um homem tido como calado e frio, mas revelava seu coração a todos uma vez por ano.

Um dia, Levi sentou comigo e pacientemente me mostrou, passo a passo, como dobrar e cortar o papel em flocos de neve. No entanto, não demorou muito para que me sentisse mais frustrado do que artístico. Meus esforços resultaram em algo que mais parecia um ninho de rato do que flocos de neve. Isso me levou a cogitar: Será que meu bisavô realmente quer que eu aprenda o segredo?

Ele parecia sentir grande prazer em ser o único da família que tinha pendores artísticos. Sabia que seu irmão abastado, Claude, para comemorar o dia dos namorados, não só levava a esposa em uma excursão pelo Caribe, mas também a presenteara com um colar de pérolas durante o

passeio. Claude apenas podia comprar presentes. Levi sabia fazer flocos de neve. E cada um desses flocos era um lembrete do dia do casamento, e da garota com quem se casara.

Ninguém jamais me disse no dia dos namorados: "Este é um grande dia para seus bisavôs", mas eu sabia que era. A única lembrança que tenho deles se beijando com aquela em que, no dia dos namorados, meus pais e eu chegamos bem no momento em que Levi presenteava Letty com o floco de neve e as rosas.

Quando Letty percebeu que estávamos olhando, ficou corada e saiu bem depressa do cômodo, gritando; "Levi, seu malvado!", mas não soava nada convincente.

Alguns anos depois, Levi deu a Letty o floco no qual escrevera: *A Letty, minha namorada há 56 anos*, mas ninguém tinha certeza se ela vira esse cartão. Ela estava viva e consciente, mas sedada, sob o efeito de fortes medicamentos, porém, quando ele lhe mostrou o floco de neve, ela apenas assentiu com um gesto vago. Ele o colocou sobre o criado-mudo, ao lado da cama do hospital, bem próximo do vaso com rosas cor-de-rosa.

Virou-se para Letty e disse: "Voltarei amanhã cedo, Letty" e, após uma pausa, acrescentou: "Meu amor". Ela assentiu vagamente de novo.

Levi pegou-me pelo braço — algo raro — quando saímos do quarto. Alguns metros adiante, disse-me: "Menino, vá lá e traga aquele floco. As enfermeiras ou as moças da limpeza podem jogá-lo no lixo".

Eu recolhi o floco, pois sabia que Levi queria levá-lo para casa e colocá-lo na cristaleira, com os outros. Se a Letty voltasse para casa, aí ele o mostraria para ela.

No dia dos namorados do ano seguinte, Levi e eu fomos ao cemitério levar um buquê de rosas cor-de-rosa. Havia uma fina camada de neve, que ele retirou da lápide dupla. Ele colocou as rosas no vaso da lápide, hesitou e, a seguir, colocou-as no vaso de vidro em que as trouxera.

— Que tolice, menino! — disse ele. — De que adianta colocá-las aqui onde ninguém as verá?

Ele deixou escapar um suspiro e, depois, emendou;

— Ela as verá de qualquer forma, onde quer que estejam. Voltaremos na primavera. Estou pensando em plantar uma roseira aqui, isto é, se a igreja permitir.

— De rosas cor-de-rosa? — perguntei.

— É lógico! — replicou ele. — Cor-de-rosa é uma cor bonita. Tome aqui... e leve-as de volta para o carro.

Peguei o vaso, procurando não olhar em seus olhos, pois sabia que sufocar uma lágrima seria muito mais difícil para ele se soubesse que eu o estava observando. Sentei-me no carro, o motor ligado, com o vaso de flores seguro em minhas mãos. Nesse momento, vi que Levi pegou algo no bolso de seu casaco e enfiou no vaso de pedra. Parecia um pedaço de papel, embora eu não pudesse ter certeza.

A neve começou a cair profusamente, e Levi correu para o carro.

— Acho que vai nevar bastante. É melhor irmos embora — disse ele.

Eu sabia que a única coisa sobre a qual não conversaríamos era o que estava em sua mente. Como uma nevada tão forte não o faria lembrar-se daquele dia 57 anos atrás? Aos 15 anos, ainda não experimentara a

tristeza de um coração partido, mas, quando estava sentado com meu bisavô, quase chegava a sentir essa dor.

No ano seguinte, tirei minha carteira de motorista e fui ao cemitério sozinho pela primeira vez. Não havia neve nesse ano, e o dia estava apenas cinzento e muito frio.

A roseira que Levi e eu plantamos na primavera florescera maravilhosamente no verão, embora parecesse um tanto esquisita no momento, como todo o restante do cemitério. O dia da morte de Levi, havia quatro meses, fora gravado na lápide.

No Natal, meus pais haviam colocado no túmulo alguns bicos-de-papagaio sedosos, e eles ainda estavam ah. Já estão fora da estação, pensei.

Enquanto retirava os bicos-de-papagaio do vaso de pedra, algo chamou minha atenção. No fundo do vaso, entre o pedregulho, quase indistinto, vi um pedacinho de papel branco. De alguma maneira, após um ano de neve, chuva e ventania, o último floco de neve feito por Letty ainda estava intacto.

Peguei-o, pensando que poderia colocá-lo com os outros pertences de meus bisavôs no porão da casa de meus pais.

No entanto, o papel não era um *souvenir* para mim. Era o presente de aniversário de casamento que Levi fizera para Letty. Ele deveria ficar exatamente onde estava.